



**24° ENANCIB**  
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação  
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento**

**A EDIÇÃO UNIVERSITÁRIA E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: CONJUNTURAS,  
ACONTECIMENTOS E ATORES NAS EDITORAS BRASILEIRAS**

***THE UNIVERSITY PUBLISHING AND CONTEMPORARY CHALLENGES: CONJUNCTURES,  
EVENTS, AND STAKEHOLDERS IN BRAZILIAN PUBLISHERS***

**Leilah Santiago Bufrem** – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Geisa Fabiane** – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Diogo César de Carvalho Fernandes** – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Para estudar a edição universitária, é preciso considerar os dispositivos institucionais de cada editora e seus contextos internos e externos, visando compreender os processos e a sua intencionalidade com cada publicação. Este trabalho objetiva verificar os acontecimentos favoráveis ao enfrentamento dos desafios existenciais das editoras universitárias brasileiras. Para tanto, realiza revisão bibliográfica sobre o tema edição universitária e analisa resultados da aplicação de questionário com as editoras. Como atores, destacam-se autor, leitor, editor e tradutor; como atores institucionais, sobressaem-se a ABEU, a BN, a CBL, o SNEL, o EULAC, as editoras, distribuidoras e livrarias. Dentre os acontecimentos identificados, destaca a transição do suporte físico para o digital como estratégia de enfrentamento à pandemia de covid-19 e a adoção do livro em acesso aberto, tendo sido identificados como suportes utilizados, os digitais (PDF e EPUB totalizam 63% das respostas), ultrapassando os livros físicos (34%). Constata que apenas sete editoras comercializam seus livros publicados em formato digital, as demais publicam em acesso aberto. Destaca tendências percebidas, como os inventários das práticas editoriais em eventos em geral; os relatos das editoras sobre suas experiências em sintonia com as transformações na textualidade eletrônica e a transmissão gratuita de conhecimentos gerados nas pesquisas da universidade pública; a publicação de livros digitais; a opção pelas plataformas digitais, como alternativa de inserção no mercado (e-commerce); a autonomização econômica expressiva em algumas editoras. Conclui pela crítica à prática, possível contribuir para a discussão dos critérios e para o delineamento de estruturas e projetos editoriais universitários que valorizam o livro e a ciência.

**Palavras-chave:** Editoras Universitárias; Livro Universitário; Tendências Editoriais; Acesso Aberto.

**Abstract:** To study university publishing, it is necessary to consider the institutional frameworks of each publisher and their internal and external contexts to understand the processes and their intentions with each publication. This research aims to assess the developments favorable to addressing the existential challenges of Brazilian university presses. To this end, it conducts a literature review on university publishing and analyzes the results of a questionnaire administered to the presses.

The key actors identified include authors, readers, editors, and translators; and institutional actors such as ABEU, BN, CBL, SNEL, EULAC, as well as publishers, distributors, and bookstores. Among the identified developments, transitioning from physical to digital formats emerged as a strategy to cope with the COVID-19 pandemic. The adoption of open access publishing was also highlighted, with digital formats (PDF and EPUB totaling 63% of responses) surpassing physical books (34%). Only seven respondents commercialize their published books in digital format; the rest publish in open access. Perceived trends include inventories of publishing practices at events; reports from publishers aligning with changes in electronic textuality and the free dissemination of knowledge generated by public university research; the publication of digital books; and the choice of digital platforms as an e-commerce market insertion alternative, leading to significant economic autonomy for some publishers. In conclusion, this study critiques current practices to contribute to discussions on criteria and the design of university publishing structures and projects that value books and science.

**Keywords:** University Press; Universities Textbooks; Editorial Trends; Open Access.

## 1 INTRODUÇÃO

O livro é um objeto de muitas faces, porém duas se destacam: a econômica e a simbólica (mercadoria e significação). O editor também vive essa duplicidade, conciliando arte e comércio. O trabalho de uma editora (instituição) é fazer uma transferência de capital simbólico ao incluir um livro em seu catálogo (Bourdieu, 2018). Por isso, é preciso considerar os dispositivos institucionais de cada editora para compreender seus processos e a sua intencionalidade com cada publicação. Editoras comerciais podem privilegiar gestões de sucesso ao invés de buscar inovação (Bourdieu, 2018). Importante destacar que, neste trabalho, considera-se a edição como a razão de ser de uma editora, tendo em conta a definição de editora de Jacó Guinsburg, “um sistema de relações, que se destina a produzir uma certa obra” (Amorim; Tremel, 1989, p. 54). Distinguindo-se, pois, da função desempenhada pelo editor, “pessoa encarregada de organizar, i.e., selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra e, às vezes, prefaciar e anotar os textos de um ou mais autores” (Araújo, 2008, p. 35).

A edição acadêmica tem uma trajetória plena de contradições, desde a sua origem, tanto no cenário internacional (Cambridge e Oxford, no século XVI, *university presses*) quanto no nacional (Universidade de Brasília e Universidade de São Paulo, na década de 1960) (Bufrem, 2015). No planejamento desses órgãos, é necessário prever uma estrutura para a consolidação de descobri agora que uma política editorial universitária consistente e coerente com seu papel. Alguns elementos e ações são inegociáveis (ou deveriam ser) para se chegar a uma condição mínima para que seja possível a existência desse tipo de instituição: originais

para publicação; conselhos editoriais; contratos autorais; linhas e políticas editoriais; estrutura e funcionamento da editora; divulgação e circulação das obras.

A relação histórica, íntima e indissociável, entre o livro e a universidade, envolve os ditos “saberes” e práticas, mesmo diante do impacto das contradições, dos acontecimentos e dos desafios cotidianos das editoras. Nessa construção de imbricações conceituais e de quase simbiose entre universidade, livros e saberes, os desafios e perspectivas para a edição acadêmica, atores e acontecimentos dinamizam a conjuntura, mobilizando relações de força e determinações, as quais, apesar das contradições perceptíveis, não geram rupturas significativas, ao menos conceituais.

O contexto histórico brasileiro, no que diz respeito ao cenário editorial acadêmico, amplia-se com o processo de transição democrática, já no final da década de 1980, ganhando intensidade o movimento pela criação ou reestruturação de editoras nas universidades (entre 1985 e 1988, foram criadas 19), apesar das já citadas anteriormente, num contexto bem menos favorável (Bufrem, 2015). Nesse processo de consolidação das editoras universitárias (EDUs) existentes, surge um movimento de associação com a Eduni-Sul, primeira associação regional criada por editores universitários brasileiros, que estimulou a criação, em 1987, da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) (Bufrem, 2015). Antes disso, ainda em julho de 1983, as editoras presentes no 5º Seminário de Publicações Oficiais Brasileiras (5º SPOB), sentindo a necessidade de distribuir e comercializar a crescente produção editorial, resolveram apoiar a iniciativa já desenvolvida entre universidades do Nordeste, de modo que cada uma delas, através de suas livrarias e postos de vendas, pudessem distribuir a produção editorial, não só própria, como das demais universidades, surgindo, assim, o Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (PIDL) (Bufrem, 2015).

Ampliada a consciência por uma política geral de editoração, com a criação do PIDL e do Projeto de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual (PROED) nas Instituições de Ensino Superior, ocorreu o primeiro Seminário Nacional das Editoras Universitárias (SNEU), em Niterói, em 1984, para, entre outras propostas, avaliar o PIDL, implantado quando do encontro anterior, em Brasília (Sampaio, 1991). Importante ressaltar o expressivo impacto para as editoras universitárias, decorrente dessa capacidade associativa propiciada, em certa medida, pela maior exposição e distribuição do livro universitário, equalizando as especificidades e diferentes capacidades produtivas que esses órgãos apresentavam (umas advindas de imprensas, e outras que utilizavam a imprensa da própria universidade ou outro

tipo de terceirização). Historicamente, a criação da ABEU e do PIDL foram determinantes para a colaboração e troca de experiências das editoras, até hoje ativos agentes promotores de sua evolução. Isso corrobora com a ideia de Briggs e Burke (2004) que, refletindo sobre o início da prensa tipográfica, assumem que a distribuição através dos sistemas postais e estradas são tão importantes para a difusão da informação quanto à disseminação da tecnologia de impressão criada por Gutenberg.

Diante deste cenário, questiona-se: quais acontecimentos têm favorecido o enfrentamento dos desafios conjunturais nas editoras universitárias brasileiras? Constitui-se como objetivo geral desta comunicação verificar os acontecimentos favoráveis ao enfrentamento dos desafios conjunturais das editoras universitárias brasileiras. Especificamente, procurou-se: a) explorar conceitos e pressupostos teóricos sobre editoras universitárias brasileiras; b) reconhecer, no cenário atual das editoras universitárias brasileiras, os atores participantes, os acontecimentos e as relações e determinações nele presentes; c) conhecer opiniões, interesses e expectativas das editoras filiadas à ABEU em sua conjuntura.

O trabalho estruturou-se, além desta introdução, nas seções: trajetória metodológica, a conjuntura das editoras universitárias e considerações finais.

## **2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Realizou-se, inicialmente, um estudo bibliográfico, de caráter exploratório conceitual, sobre editoras universitárias para identificação de conceitos e pressupostos teóricos com vistas à formulação dos objetivos da pesquisa. A partir dos referenciais teóricos relacionados ao objeto de estudo, em sua conjuntura, foi possível reconhecer, no cenário atual das editoras universitárias brasileiras, os atores participantes, os acontecimentos e as relações e determinações nele presentes.

Em complementação à análise de conjuntura, foi aplicado um questionário às editoras universitárias filiadas à ABEU (LISTA, 2021), entre 15 de março de 2024 e 20 de maio de 2024, para conhecer opiniões, interesses e expectativas dessas editoras em sua conjuntura. Embora obtidas apenas 19 respostas ao questionário, a profundidade dessas respostas estimulou reflexões significativas e coerentes com a conjuntura observada.

Destaca-se que a grande maioria das respostas obtidas veio dos representantes das instâncias principais das editoras universitárias, incluindo-se integrantes da atual diretoria da

ABEU, que permitem uma visão mais completa do processo, proporcionando um alcance maior no que se relaciona às questões editoriais. Acredita-se, também, que o retorno ao questionário aplicado pode ter sido comprometido por outras pesquisas que ocorreram concomitantemente, assim como, pelo excesso de demandas característico das editoras universitárias.

### **3 A CONJUNTURA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS**

Nesta seção, são apresentados os acontecimentos, cenários e atores identificados, bem como, a análise dos resultados obtidos por meio do questionário aplicado. A análise é apresentada nas subseções: cenário nacional, atores, acontecimentos, relações e contradições no cenário editorial e panorama geral do cenário enfrentado pelas editoras universitárias brasileiras.

#### **3.1 Cenário nacional: pandemia de covid-19 e negacionismo científico**

O Brasil passa por uma fase de transição política, com expectativas de transição socioeconômica. Restauram-se esperanças nos campos cultural, científico e tecnológico, embora um exercício crítico advirta para as dificuldades de uma proposta política editorial de amplo espectro, ou mesmo da consolidação de uma já existente. Preparadas para um novo ciclo de reivindicações políticas, as EDUs vêm lutando para superar o período de resistência de forças conservadoras e da desvalorização da ciência e das universidades.

Elas deparam-se com a necessidade de, não apenas preservar resultados obtidos durante o período de redemocratização, anterior ao golpe de 2016, mas também de superar o desmonte de suas estruturas. O próprio campo editorial, além do contexto político desfavorável, passa por significativas transformações. Andrade e Araújo (2021) colocam isso como um processo inevitável da edição de livros, de um modo geral, nessa era e afirmam que tais “mudanças afetam não só o suporte da escrita, mas também o próprio conteúdo e, por conseguinte, o acesso” (Andrade; Araújo, 2021, p. 948). A transformação dos meios de editar, divulgar e comercializar o livro, no Brasil e no mundo, facilitou o acesso, o consumo e a leitura. Os meios editoriais, amplamente impactados pela pandemia e pela urgente necessidade do isolamento, deram espaço e vazão à divulgação de diversos conteúdos nos mais diferentes suportes, forçando as editoras a buscarem a produção de suas obras em formato digital. Nas mais simples e rotineiras atitudes e funcionalidades, compõe-se o experimento social e

econômico pelo qual se constataram mudanças de comportamento e de preferências do leitor antes, durante e após o período do isolamento gerado pela Covid-19.

Durante o período de isolamento, com os campi esvaziados, livrarias físicas foram aos poucos sendo fechadas, embora outras tenham retornado às atividades. No período, houve um aumento na venda *online* de livros físicos e, principalmente, de livros digitais no Brasil (CBL; SNEL; Nielsen Book Data, 2021a; 2021b; 2022a; 2022b; 2023a; 2023b). A ABEU, por sua vez, promoveu as Feiras Virtuais das Editoras Universitárias, viabilizando a distribuição dos livros das EDUs durante o período. Algumas editoras universitárias também adotaram o acesso aberto aos livros publicados no formato digital, a fim de garantir sua distribuição.

Após o fim das medidas de isolamento que a pandemia de covid-19 impôs, a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, de 2023, completou 40 anos e obteve resultados expressivos, com mais de 600 mil visitantes e 5,5 milhões de livros vendidos de 497 editoras; recorde de vendas, com média de nove livros vendidos por pessoa, num tíquete médio de gastos com livros de, aproximadamente, R\$ 200,00 (duzentos reais) (COM, 2023); 40% dos consumidores de livros ainda optam pela compra presencial, valorizando a experiência de ter o livro em mãos antes de adquiri-lo (Nielsen Book Data; CBL, 2023).

O mercado editorial digital, como resposta à crise, vem favorecendo uma cultura determinada pelas necessidades, sendo importante questionar, entretanto, até que ponto seria um fator promissor para o setor cultural, além de privilegiar o mercado.

### **3.2 Atores**

A dinâmica presente nessa conjuntura revela atores, institucionais ou não, cumprindo papéis de distinção no campo editorial. Desses atores, destacam-se leitor e autor, indissociáveis, mediados pelo editor. O leitor, razão de ser do livro e da edição, no caso da editora universitária faz parte, não somente da comunidade interna, mas também da externa à instituição. A ele dirigem-se duas das leis de Ranganathan (2009): a segunda lei, “a cada pessoa o seu livro” e a terceira “para cada livro o seu leitor” (Ranganathan, 2009). Tais enunciados pressupõem a educação como direito básico de todos, o que leva a entender a lacuna de atuação (e oportunidade) que a edição universitária tem buscado ocupar nos cenários social e cultural em que está inserida.

As transformações recentes, na cadeia de produção, venda e consumo do livro, implicam novos papéis e articulações entre os atores desse ecossistema editorial. Thompson

(2013) aponta para quatro níveis para entender melhor essas mudanças: (1) sistemas operacionais; (2) gestão de conteúdo e fluxo de trabalho digital; (3) vendas e marketing; (4) oferta (liberação) de conteúdo. No caso das EDUs, o foco se dá no quarto nível, tendo em vista que os demais níveis ocuparam espaço em uma gama de cenários diversos como o fonográfico, por exemplo, que é um forte exemplo do que se imaginou que aconteceria na indústria do livro no início dos anos 2000 (Thompson, 2013).

A diversidade de ferramentas digitais, proporcionalmente à socialização das mídias, ensejou o aparecimento de novos atores no circuito de produção, divulgação e acesso às obras, transformando o circuito tradicional como um dispositivo institucional (Bourdieu, 2018) composto por equipes de avaliação, pareceristas, diretores de coleção, especialistas ou não; realiza a seleção dos originais submetidos por meio de intermediários e indicações; diversificase com a divisão do trabalho: autores, editores, revisores, tradutores, programadores, comunicadores, editoras, distribuidoras, bibliotecas, universidades, instituições políticas, científicas ou culturais e outras modalidades de associações reivindicam e assumem seus papéis.

Dentre tais atores, enfatiza-se o papel dos tradutores:

[...] as EDUs cumprem papel fundamental para a cultura do livro no Brasil. Podem publicar obras que, até segunda ordem, não teriam apelo comercial, pois estão debruçadas sobre autores ainda pouco ou nada conhecidos. Por serem quase sempre tocadas por pesquisadores, as editoras universitárias também compreendem que a pesquisa e a tradução podem tomar muito tempo, se quisermos atingir um determinado nível num autor especificamente difícil. Mais que isso, elas compreendem que a tradução pode estar absolutamente entrelaçada com a pesquisa. Eu mesmo levei mais de três anos traduzindo a *Anatomia*, o que é um prazo que me permitiu não só traduzir, como pesquisar sobre Burton, entender melhor como o livro foi escrito para traduzir de acordo com esses problemas. [depoimento de Guilherme Gontijo Torres, sobre o papel da editora universitária no projeto de tradução de *Anatomia da Melancolia*, de Robert Burton. A VOZ, 2018]

Entre os atores institucionais, destacam-se a ABEU, a Fundação Biblioteca Nacional e seu Departamento Nacional do Livro, assim como outros órgãos, instituições e empresas interagentes: a Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), editoras, distribuidoras, livrarias físicas e virtuais. Com atuação internacional, a EULAC (*Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe*) aparece como um ator importante, em busca de uma atuação mais direcionada, imponente e significativa dos livros universitários latino-americanos. Hoje, a EULAC congrega mais de 400 filiadas das associações

nacionais do Brasil, México, Colômbia, Costa Rica, Peru, Argentina, Chile, Equador, El Salvador entre outras editoras filiadas diretamente (QUÉ, 2024).

A ABEU, hoje congregando 129 editoras universitárias do país, foi fundada em 1987, em Goiás, com objetivos comuns, tal como o de promover a cultura e socializar o conhecimento através da produção e difusão do livro universitário (Bufrem, 2015; Quem, 2021). Exemplo dessa atuação são os eventos anuais que reúnem as EDUs associadas, tendo sido realizado, em 2024, o 6º Seminário Brasileiro de Edição Universitária e a 36ª Reunião Anual da ABEU (os eventos acontecem concomitantemente). É a forma mais direta e objetiva de troca de experiências, conhecimentos e saberes editoriais entre as editoras filiadas, estabelecendo um ponto de convergência e unidade, mesmo diante das mais diversas particularidades que tais instituições apresentam entre si.

### 3.3 Acontecimentos

A disponibilização dos livros em formato digital expandiu-se com a utilização dos computadores, tablets, smartphones e, sobretudo, com o aumento da velocidade de acesso e uso da Internet, evidenciando as mudanças no processo de comunicação científica, em diferentes canais. De acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 5ª edição (Failla, 2021), 73% dos entrevistados já fizeram leitura de livro digital em celular ou smartphone; 31% dos entrevistados já leram no computador e 14% em tablet ou leitores digitais; houve aumento no uso do celular para leitura, em comparação com o ano de 2015 e redução dos demais dispositivos; o audiolivro (*audiobook*) foi usado por 20% dos entrevistados; mas que o livro físico ainda tem prioridade, preferido por 67% , enquanto os digitais correspondem a 17% e para 16% dos entrevistados é indiferente o tipo de suporte da publicação.

Por sua vez, em conformidade com a pesquisa realizada pela ABEU, entre 2018 e 2021, indica que houve um aumento de 52,94% para 93,9% de EDUs que publicaram livros digitais, e dessas, mais de 65% publicaram em acesso aberto. Importante salientar, também, que o meio mais utilizado para difusão dos livros digitais em acesso aberto nas editoras pesquisadas são os sites próprios (75,3%), seguidos pelos repositórios institucionais (29,9%) e depois pela Scielo Livros (15,6%) (ABEU, 2021). Nas EDUs, encontram-se políticas favoráveis à disponibilização gratuita dos títulos em formato digital ou adesão à Rede SciELO Livros, visando a publicação *online* de coleções nacionais e temáticas de livros acadêmicos. As obras

publicadas pela SciELO são escolhidas em conformidade com controles de qualidade aplicados por comitê científico próprio (SciELO, 2012).

Os títulos publicados em formato digital têm potencial para alcançar padrões internacionais, controlar dados referentes ao acesso e citações, além de disponibilização em diferentes suportes. Além do Portal SciELO Livros, as obras são acessíveis por meio dos buscadores da Web e publicadas por portais e serviços de referência internacional. Essa demanda pelo acesso aberto origina-se de duas necessidades: a reação dos pesquisadores ao modelo de negócios das editoras comerciais de revistas científicas, cujas assinaturas tornam-se muito caras; a crescente conscientização sobre as vantagens da disponibilização livre de barreiras ao acesso (Gomes; Rosa, 2017).

Analisando as respostas do questionário enviado às filiadas da ABEU entre março e maio de 2024, em relação à política do acesso aberto, foi possível evidenciar que o *Portable Document Format* (PDF) é o formato de arquivo mais utilizado pelas EDUs para as publicações digitais, conforme o Gráfico 1. Das 19 respostas obtidas, apenas cinco não publicam seus livros em formato físico e as demais sinalizam que publicam em ambos os formatos. Nenhuma editora consultada, publica os seus livros apenas no formato impresso.

**Gráfico 1** – Suportes e formatos de publicação mais utilizados pelas editoras universitárias (2024)



**Fonte:** Dados da pesquisa (2024).

Tais achados corroboram com a pesquisa realizada pela ABEU (ABEU, 2021), tendo em vista que os formatos de arquivos digitais - PDF com 37% das respostas e *Electronic Publication* (EPUB) com 26%, totalizando 63% das respostas - passam a ser mais utilizados pelas editoras universitárias do que os livros físicos (impressos), que totalizaram 34% das respostas. Também foi identificado que, das respondentes, apenas sete das dezenove comercializam seus livros

publicados em formato digital, enquanto as demais publicam em acesso aberto, com a disponibilização dos livros nas plataformas: Scielo Livros, Site da Editora ou Repositório institucional.

Por sua vez, quando perguntadas sobre as vantagens e desvantagens sobre a adoção da política de vendas ou da política de acesso aberto, foi possível identificar o reconhecimento de que o acesso aberto amplia o alcance das obras, mas há a necessidade da venda de livros para financiamento das atividades da editora e ainda são enfrentadas dificuldades para comercialização das obras em formato digital.

Dentre as respostas obtidas, é possível visualizar uma preocupação com o surgimento de editoras predatórias, que cobram para publicar, mas trabalham rápido, atendendo a necessidade do tempo, mas, não necessariamente, correspondendo ao rigor editorial e à qualidade almejada. Conforme o respondente R11, “falta clareza para muitos dos interessados, sobre as diferenças entre uma 'editora comercial' e uma 'editora universitária que comercializa seus livros’” (Dados da pesquisa, 2024).

Destacam-se ainda como acontecimentos relevantes, a crise atualmente enfrentada pelas EDUs, iniciada em meados de 2018, com redução de mais de 50% do quadro funcional do setor editorial universitário; conforme Argollo, citada por Ferrari (2022), “estamos enfrentando a pior fase de nossa existência”. Nos contextos de instituições ligadas ao Governo Federal, por exemplo, o Decreto Nº 9.262, de 09 de janeiro de 2018, extinguiu cargos de importância e pertinência direta às EDUs como os de Revisor de textos e Programadores Visuais, ficando vedada a abertura de novas vagas para tais funções no âmbito do Poder Executivo Federal (Brasil, 2018). Além da redução do quadro funcional, com o corte de recursos das universidades federais (Echenique, 2023), as EDUs têm recebido cada vez menos recursos, apesar do aumento do custo de impressão, impossibilitando a manutenção de suas publicações em formato impresso e ocasionando o incentivo à publicação dos livros digitais como resposta à abrupta redução dos orçamentos das universidades.

### **3.4 Relações e contradições no cenário editorial**

Como uma das contradições dessa conjuntura, vale considerar a histórica contenda entre o público e o privado, esferas para o enfrentamento da questão social e o desenvolvimento das situações e relações surgidas com o capitalismo monopolista e as estratégias políticas, econômicas, sociais e culturais.

Tentativas de responder às demandas geradas por essas contradições confrontam-se com uma política cujo propósito tem sido fortalecer e expandir o sistema privado de educação. Na área editorial, questiona-se o espaço reivindicado pelas instituições públicas de ensino, desde a criação das primeiras editoras universitárias no país. Essa polêmica histórica pautou as discussões sobre a pertinência de um espaço editorial nas instituições públicas, a partir de Lacerda (1981). Foi um libelo contra a atuação das editoras públicas, mais especificamente, sobre a Editora da Universidade de Brasília, considerada uma concorrente desleal.

Reconhecidas as relações editoriais, ressaltam-se as contradições entre o compromisso acadêmico e os imperativos de mercado; as tensões presentes entre a urgência de conciliar modos de produção aos avanços da tecnologia com as condições estruturais, burocráticas e financeiras das editoras e as contradições entre a valorização dos periódicos como veículos privilegiados da comunicação científica e as condições das editoras.

Diante de tais contradições, é possível ressaltar que os desafios enfrentados pela edição universitária no país são amplos e de forma geral, atingem boa parte das instituições, mas que as particularidades de cada órgão e instituição vinculante, exigem soluções diferentes. Como desafios gerais, pode-se estabelecer que as oportunidades ensejadas por esses esforços para a criação de uma estrutura em benefício não apenas da produção de bens, mas do aperfeiçoamento da prática e dos saberes criam as soluções necessárias para cada cenário. Dentre os principais desafios enfrentados, destacam-se:

- a) o aperfeiçoamento da tecnologia, que transforma as formas como se trabalha, como se melhora o acesso, a qualidade da informação, a velocidade dos dados, a divulgação, a visibilidade e os procedimentos necessários para aperfeiçoar a prática de forma crítica; com a possibilidade de atribuir a esse processo um papel pedagógico ou de capacitação profissional;
- b) a forma de organização institucional das EDUs tem basicamente dois modelos: o das fundações, com maior liberdade na obtenção e no emprego de verbas, e outro, vinculado à universidade, sujeito à fiscalização e à auditoria dos órgãos públicos, atualmente o segundo o modelo mais adotado pelas EDUs brasileiras (66,3%), pelo qual seus recursos participam do orçamento geral da instituição matriz (Amaral; Furnival, 2023);

- c) o enfrentamento de tendências visando reduzir a editoração universitária a uma atividade de mercado, ou diminuir a importância do livro como veículo essencial de disseminação do conhecimento.

Para além dos desafios encontrados, apresenta-se, a seguir, o panorama em que se encontram as editoras universitárias brasileiras.

### **3.5 Panorama geral do cenário enfrentado pelas editoras universitárias brasileiras**

A partir do cenário apresentado até agora, pode-se concluir que as EDUs enfrentam diversas dificuldades para disponibilizar o acesso livre à produção científica, como a pressão política sofrida para manter modelos de negócios tradicionais; desafios técnicos na implementação de plataformas de acesso aberto; falta de conscientização sobre os benefícios do acesso aberto; resistência de alguns atores em abandonar modelos tradicionais de publicação ou de mercado.

Ainda em relação a essas dificuldades, restrições financeiras que impactam diretamente na aquisição de direitos autorais, por exemplo, além de todos os outros custos envolvidos na cadeia do livro acadêmico, das verbas de pesquisa e dos apoios às publicações, como os custos de produção e publicação, o financiamento para manter operações, as pressões para gerar lucro ou recuperar custos, a necessidade de equilibrar o acesso aberto com modelos de negócios sustentáveis e a falta de financiamento adequado para subsidiar custos de publicação de acesso aberto.

As articulações entre as diversas estruturas analisadas, com a atual conjuntura, permitem a percepção de algumas tendências nas edições universitárias:

- a) os inventários das próprias práticas em seminários, colóquios e eventos em geral, cujos produtos têm sido disponibilizados, dando visibilidade à práxis editorial universitária;
- b) os relatos das editoras sobre suas experiências em sintonia com as transformações na textualidade eletrônica e a transmissão gratuita de conhecimentos gerados nas pesquisas da universidade pública;
- c) a publicação de coleções de livros digitais, representando temas e autores selecionados com diversidade de propostas;
- d) a opção de algumas editoras pelas plataformas digitais, como alternativa de inserção no mercado (*e-commerce*) como uma forma de superar as circunstâncias

desfavoráveis da pandemia, em meios consolidados no mercado (Amazon e Estante Virtual);

- e) apesar dos entraves, há uma autonomização econômica expressiva em algumas editoras, que têm seus funcionários pagos pela própria Universidade vinculante, sem gerar custo de pessoal, por exemplo.

Perante tal conjuntura, destacam-se como perspectivas atuais para as editoras universitárias a necessidade do diálogo permanente com a comunidade universitária e com a sociedade de uma forma geral, baseado na atenção aos temas de relevância científica e cultural do nosso tempo e ao interesse e necessidades do leitor. Nesse sentido é uma grande vantagem das editoras universitárias, como observa Franchetti (2018), investir tempo e recursos na qualidade do trabalho, sem a consideração imediata do lucro, além de conseguir transformar assim, as produções intelectuais de seus professores em obras referenciais.

Eventos, feiras e lançamentos destacam-se diante da possibilidade de compreender as preferências dos leitores para conhecer o público da EDU, repensar e planejar formas mais eficientes de despertar o interesse do público leitor, além de ponderar métodos para ampliá-lo, principalmente no sentido da formação para novos leitores visando aproximar o livro de um público com pouca intimidade com a leitura.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Destaca-se a contribuição decisiva das EDUs na formação, não apenas acadêmica, mas cultural e política de seus leitores. O movimento de acesso aberto, o crescimento dos livros digitais e a auto publicação resultam da mobilidade dos fatores determinantes de formas de comunicar na contemporaneidade. Isso reflete-se diretamente na migração parcial das editoras para o universo digital, embora concebidas originariamente em um mundo analógico.

Quanto aos aspectos administrativos, as EDUs têm profissionalizado suas experiências e conseguido formalizar suas atividades gerando a estabilidade suficiente para superar as contradições da conjuntura. Diante de tendências restritivas a um tipo de atividade de mercado ou a reduzir o valor do livro universitário, importa reconhecer o perfil da editora universitária em sua especificidade. Embora ele não siga necessariamente o perfil da universidade à qual se vincula, considerando-se a divergência de modelos de editoras relativa a uma identidade de perfil, atividades específicas marcam sua vocação acadêmica e não empresarial. Algumas universidades, por exemplo, publicam prioritariamente a produção dos

autores da própria instituição, ou seja, representam um conhecimento consolidado da excelência acadêmica endógena em determinadas áreas, confirmando essa vinculação.

Os caminhos da ciência aberta, por exemplo, e os usos mais prioritários de canais de comunicação institucional continuam sendo uma opção para a maioria dos casos, principalmente pelos contextos de dificuldades financeiras que extrapolam a capacidade dessas instituições de reaver ou descentralizar recursos às publicações ou a uma política editorial mais pujante. As articulações institucionais entre os entes filiados e a troca constante de experiências favorecem muito o fortalecimento da edição universitária no Brasil, a partir dos encontros realizados, dos trabalhos apresentados e, principalmente, dos debates atualizados em torno do livro e da edição universitária.

Cada editora está sujeita às amarras burocráticas de sua autarquia (no caso das públicas) e dos interesses que regem a economia e os valores dessas instituições, mas a valorização do livro, independente do suporte e de seu modelo de negócio, pressupõe uma condição *sine qua non* para a evolução e difusão da ciência e do saber científico das universidades. O livro, principalmente nas ciências humanas, define-se como caminho seguro e amplo para a propagação de um conhecimento sólido e perene, diferente das discussões efêmeras de ciências mais rápidas e que evoluem com certa velocidade e privilegiam publicações periódicas (e de forma correta o fazem pelo tipo de pesquisa que desenvolvem). É pela crítica à prática que podemos continuar contribuindo, com experiência e distanciamento vigilante, para a discussão dos critérios e para o delineamento de estruturas e projetos editoriais universitários que valorizem o livro e a ciência neles contida.

## REFERÊNCIAS

A VOZ do profissional. **ABEU**, 2018. Disponível em: <http://www.abeu.org.br/farol/abeu/Blog/abeu/a-voz-do-profissional/10720>. Acesso em: 19 abr. 2018.

AMARAL, F. B. M.; FURNIVAL, C. Os modelos de negócio para a publicação de livros em acesso aberto por editoras universitárias brasileiras. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 21, p. e023010, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/DgjhYsyN4bv3jTMkP4HxR8N/#>. Acesso em: 26 jun. 2024.

AMORIM, S. M.; TREMEL, V. H. F. J. **Guinsburg**. São Paulo: Com-Arte, 1989.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

ANDRADE, R. L. V.; ARAÚJO, W. J. Livro Digital nas Editoras Universitárias. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 945-967, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/37531>. Acesso em: 19 set. 2024.  
ARAÚJO, E. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORAS UNIVERSITÁRIAS (ABEU). **Pesquisa ABEU 2021**. Disponível em [https://abeu.org.br/documents/7/Pesquisa\\_ABEU\\_2021.pdf](https://abeu.org.br/documents/7/Pesquisa_ABEU_2021.pdf). Acesso em: 21 jun. 2024.

BOURDIEU, P. Uma revolução conservadora na edição. Tradução de Luciana Salazar Salgado e José de Souza Muniz Jr. **Política e sociedade**, v. 17, n. 39, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2017v17n39p198>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 9.262, de 9 de janeiro de 2018**. Brasília, DF: Presidência da República, [2018]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/decreto/d9262.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9262.htm). Acesso em: 16 jun. 2024.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BUFREM, L. S. **Editoras universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL); NIELSEN BOOK DATA. **Conteúdo digital do setor editorial brasileiro**: ano-base 2020. Rio de Janeiro: SNEL; São Paulo: CBL, 2021a. Disponível em: [https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/05/3\\_2020conteudo\\_digital\\_imprensa\\_anobase\\_final-1.pdf](https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/05/3_2020conteudo_digital_imprensa_anobase_final-1.pdf). Acesso em: 19 set. 2024.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL); NIELSEN BOOK DATA. **Conteúdo digital do setor editorial brasileiro**: ano-base 2021. Rio de Janeiro: SNEL; São Paulo: CBL, 2022a. Disponível em: [https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/06/apresentacao\\_imprensa\\_Final\\_1-1.pdf](https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/06/apresentacao_imprensa_Final_1-1.pdf). Acesso em: 19 set. 2024.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL); NIELSEN BOOK DATA. **Conteúdo digital do setor editorial brasileiro**: ano-base 2022. Rio de Janeiro: SNEL; São Paulo: CBL, 2023a. Disponível em: [https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2023/07/1684255978775apresentaC3A7C3A3o\\_imprensa\\_completa\\_revisa-2.pdf](https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2023/07/1684255978775apresentaC3A7C3A3o_imprensa_completa_revisa-2.pdf). Acesso em: 19 set. 2024.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL); NIELSEN BOOK DATA. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro**: ano-base 2020. Rio de Janeiro: SNEL; São Paulo: CBL, 2021b. Disponível em: <https://snel.org.br/wp/wp->

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

content/uploads/2021/05/APRESENTACAO\_Pesquisa\_Producao\_e\_Vendas\_-\_ano-base\_2020.pdf. Acesso em: 19 set. 2024.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL); NIELSEN BOOK DATA. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro: ano-base 2021.** Rio de Janeiro: SNEL; São Paulo: CBL, 2022b. Disponível em: [https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2022/05/apresentacao\\_imprensa\\_Final.pdf](https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2022/05/apresentacao_imprensa_Final.pdf). Acesso em: 19 set. 2024.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL); NIELSEN BOOK DATA. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro: ano-base 2022.** Rio de Janeiro: SNEL; São Paulo: CBL, 2023b. Disponível em: [https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2023/05/apresentacao\\_imprensa\\_completa\\_OK.pdf](https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2023/05/apresentacao_imprensa_completa_OK.pdf). Acesso em: 19 set. 2024.

COM mais de 600 mil visitantes, Bienal do Livro 2023 teve 5,5 milhões de livros vendidos. **G1**, Rio de Janeiro, 10 set. 2023. Guia RJ. Disponível em: <https://g1.globo.com/guia/guia-rj/noticia/2023/09/10/com-mais-de-600-mil-visitantes-bienal-do-livro-2023-teve-55-milhoes-de-livros-vendidos.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2024.

ECHENIQUE, G. Universidades federais reclamam de cortes e dizem que contas básicas estão sob risco para 2024. **CBN Brasil**, 23 dez. 2023. Disponível em: <https://cbn.globo.com/brasil/noticia/2023/12/23/universidades-federais-reclamam-de-cortes-e-dizem-que-contas-basicas-estao-sob-risco.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2024.

FAILLA, Z. Principais resultados da pesquisa: tabelas e gráficos. In: FAILLA, Z. **Retratos da Leitura no Brasil 5.** Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda; São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2021. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 16 set. 2024.

FERRARI, M. **O braço editorial das universidades: EDUSP completa seis décadas em um tempo de desafios para as publicações acadêmicas.** 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-braco-editorial-das-universidades/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

FRANCHETTI, P. **Editoras universitárias no Brasil.** 4 de setembro de 2018. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1295/o/Editoras\\_universit%C3%A1rias\\_no\\_Brasil\\_-\\_Paulo\\_Franchetti.pdf?1615896411](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1295/o/Editoras_universit%C3%A1rias_no_Brasil_-_Paulo_Franchetti.pdf?1615896411). Acesso em: 15 jun. 2024.

GOMES, A. R. S.; ROSA, F. G. M. G. Análise das políticas de funcionamento de repositórios institucionais brasileiros. **PontodeAcesso**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 81-94, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/21342>. Acesso em: 19 abr. 2024.

LACERDA, S. **“O Livro, as Editoras e o Estado-Editor”.** Boletim Informativo, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1981.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

LISTA de associados. **ABEU**, 2021. Disponível em: <https://www.abeu.org.br/associados/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

NIELSEN BOOK DATA; CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (CBL). **Panorama do Consumo de Livros**: Um estudo sobre o perfil e hábitos de compradores de livros no Brasil. 2023.

QUÉ es EULAC? **EULAC**, 2024. Disponível em: <https://eulac.org/nosotros/que-es-eulac/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

QUEM somos. **ABEU**, 2021. Disponível em: <https://www.abeu.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 19 set. 2018.

RANGANATHAN, S. R. **As Cinco Leis da Biblioteconomia**. Tradução de Tarcisio Zandonade. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.claretiano.edu.br/anexo/000074/000074df.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

SAMPAIO, A. J. Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (PIDL). *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 6., 1989, Curitiba. **Anais** [...] Curitiba: UFPR, 1991.

SCIELO, Scientific Electronic Library Online. **Apresentação da I Reunião da Rede SCIELO Livros**. 2012. Disponível em <https://eventos.scielo.org/scielolivros/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

THOMPSON, J. B. **Mercadores de cultura**. São Paulo: Unesp, 2013.